

TERRITÓRIOS: JOGAR LUZ

DANIELE NASCIMENTO

DANIELE NASCIMENTO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao
Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo
Sob orientação do professor Dr. Marco Francesco Buti
Banca exainadora com Dora Longo Bahia e Cláudio Mubarak

São Paulo
2023



TERRITÓRIOS: JOGAR LUZ

DANIELE NASCIMENTO



Se tem territorialidade tem apartheid. Se eu sei onde encontrar preto e onde encontrar branco tem apartheid.

Elisa Lucinda¹

Territorialidade

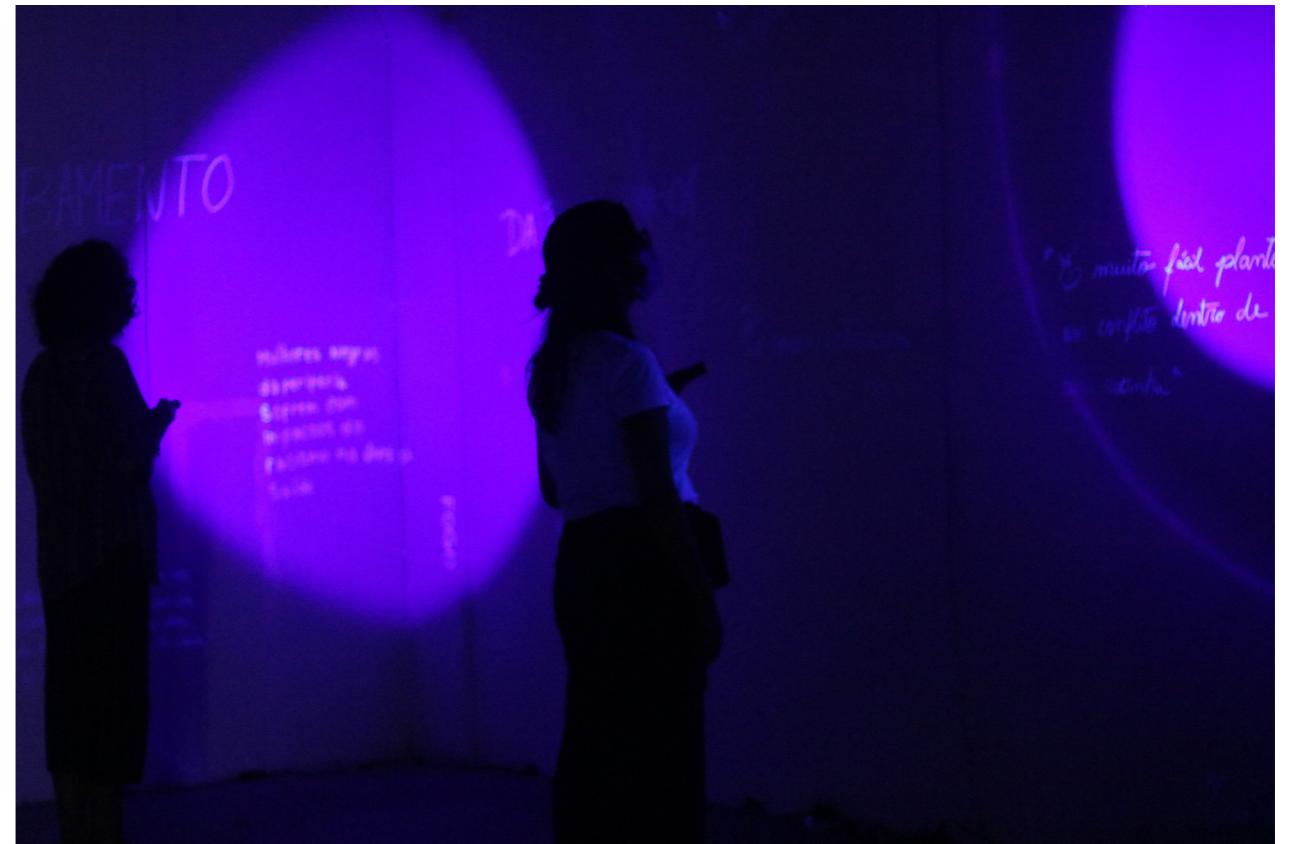
O trabalho *Territórios: Jogar Luz*, pretendem dialogar acerca das questões de territorialidade e segregação espacial racial no Brasil. Relacionando o racismo estrutural e histórico, seu próprio modo operante sobre as relações sociais, políticas e econômicas com as questões de territorialidade, como os próprios desenhos da cidade são constituídos, como evidenciam e alimentam a desigualdade, a violência e uma construção social nociva.

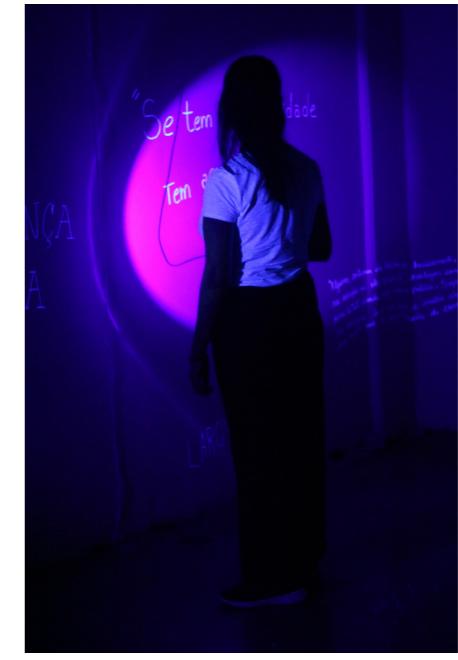
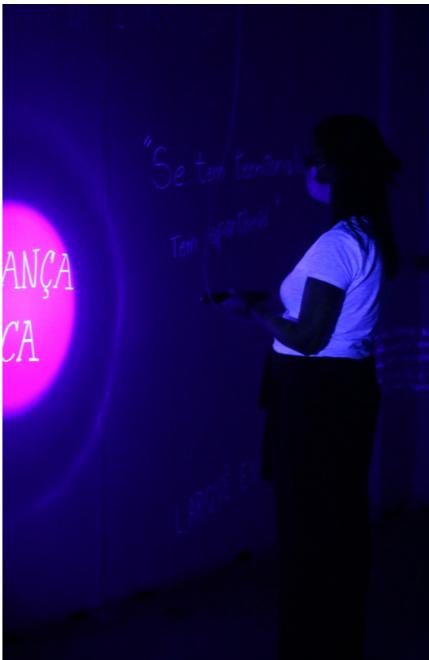
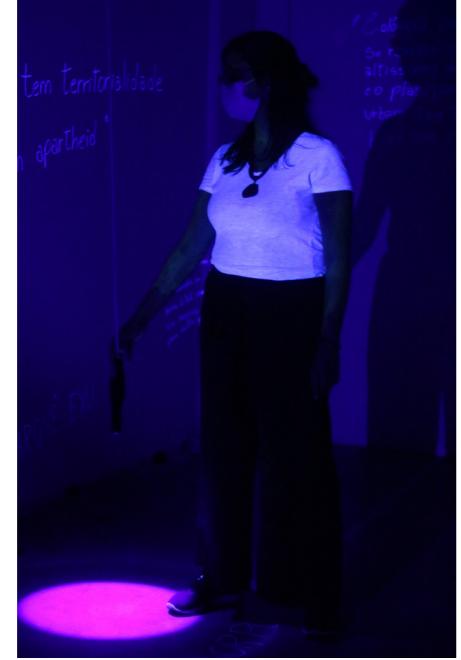
TÍTULO / TITLE TERRITÓRIOS: JOGAR LUZ

ANO / YEAR 2022

DIMENSÕES / DIMENSIONS variável

TÉCNICA / TECHNIQUE Luz negra, tinta neon, impressão sobre papel



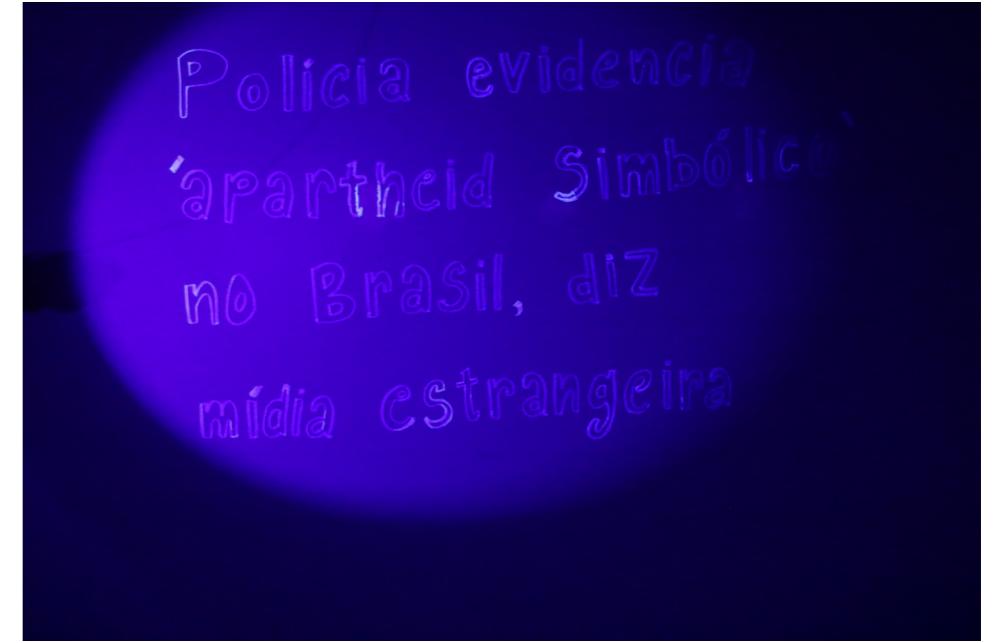
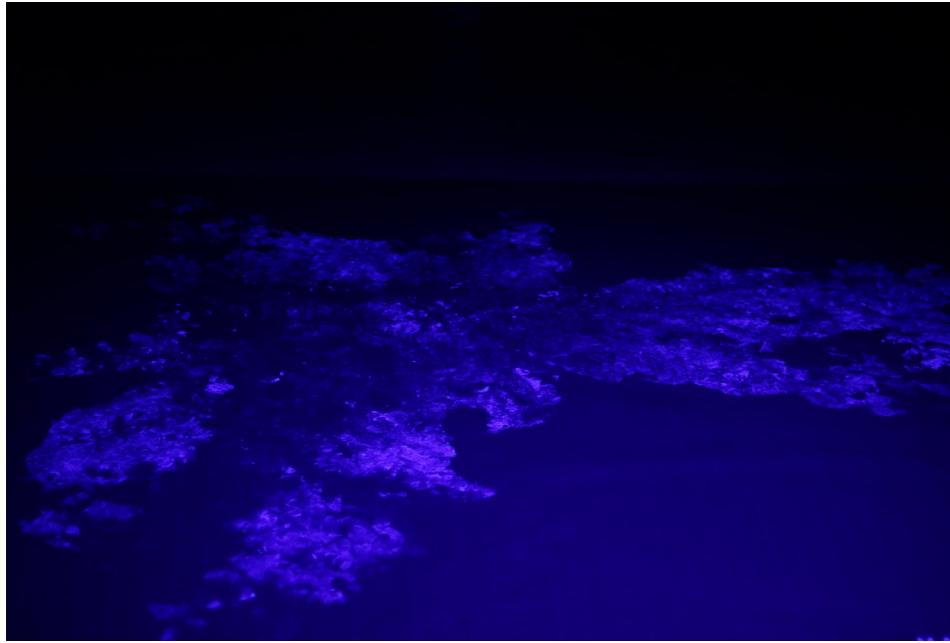


TÍTULO / TITLE **TERRITÓRIOS: JOGAR LUZ (DETALHE)**

ANO / YEAR **2022**

DIMENSÕES / DIMENSIONS **variável**

TÉCNICA / TECHNIQUE **Luz negra, tinta neon, impressão sobre papel**



TÍTULO / TITLE **TERRITÓRIOS: JOGAR LUZ (DETALHE)**

ANO / YEAR **2022**

DIMENSÕES / DIMENSIONS **variável**

TÉCNICA / TECHNIQUE **GLuz negra, tinta neon, impressão sobre papel**

O racismo é um urbanista que planeja e define espaços de morte e vida nas grandes cidades.

Janes Jacob ²

Como nos elucida Deborah Small, “os espaços das cidades são construídos”, ³ então você tem no planejamento das cidades uma grande ferramenta para o sucesso do genocídio negro, se você tem espaços físicos onde se confinam “os indesejáveis” fica mais fácil prejudicar, negligenciar direitos ou até mesmo matar.

Joice Berth completa, “é muito fácil plantar um conflito em uma Rocinha, em uma Heliópolis, agora como você vai plantar um conflito dentro de uma Vila Mariana para justificar a morte de um jovem negro”.⁴ Ou seja, quando um conflito é plantado dentro de uma favela não teria a mesma aceitação se ocorresse em um bairro nobre, logo esse racismo urbano nos desenhos das cidades é usado para justificar o genocídio desses “indesejáveis”, essa segregação espacial auxilia uma permissividade e autorização “silenciosa” da morte de um grupo específico da sociedade, disfarçada de guerra antidrogas, segurança pública ou qualquer outro motivo que justifique um ato de violência que jamais seria permitido ou bem aceito se ocorressem em bairro nobre.

Territórios: Jogar Luz

No trabalho intitulado *Territórios: Jogar Luz*, foi utilizado o mapa de Pontos Raciais da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro criado pelo geógrafo Hugo Nicolau Barbosa De Gusmão,⁵ onde é possível ver como o mapa de pontos em vermelho (onde cada ponto representam uma pessoa negra) estão distribuídas no mapa de forma muito menos homogênea em relação aos pontos em azul (que representam as pessoas brancas), com uma concentração maior nas regiões periféricas da cidade. O mapa com pontos em verde (que representam as pessoas pardas) também com maior concentração quanto mais se próxima de regiões periféricas das cidades. Enquanto o mapa de pontos em azul, estão distribuídos de forma mais homogênea, com maior concentração nas áreas nobres das cidades (figuras de 1 a 10).

A partir do mapa do Hugo Gusmão, eu escolhi os dois mapas onde eram representadas as pessoas negras em São Paulo e Rio de Janeiro, eles foram reeditados, sem o uso das cores, para “se jogar” sempre com a ideia do “preto e branco” também no uso das cores que constituem o próprio mapa.

Os mapas foram associados a notícias vinculadas na mídia, dados e frases para criar este “link” entre a distribuição étnico racial nos desenhos das cidades e as questões políticas e sociais que desencadeiam, como por exemplo, a manutenção de uma estrutura que facilita e até mesmo justifica a violência policial em determinados espaços e em outros não, evidenciando um cenário de segregação espacial e racial dentro das cidades.

A instalação ocorre em sala totalmente escura. Os mapas foram impressos sobre papel branco pelo fato de brilhar no escuro e ocupam o centro do chão da sala, os mapas são iluminados com lâmpadas de luz negra protegidas por um abajur, fazendo com que as lâmpadas iluminem os mapas no chão, mas não iluminem as informações nas paredes.

As notícias e dados foram escritas nas paredes da instalação usando tinta invisível neon, que é visível apenas sobre luz negra. Pelos espaços são distribuídos lanternas de luz negra que estão ligadas com um pequeno foco de luz apontadas para o chão.

Ao adentrar a instalação, o espectador encontra apenas um ambiente escuro e dois mapas no chão. Mas ao se aproximar das lanternas é possível ver alguns fantasmas e rastros sobre as paredes, então neste momento é necessário que o espectador utilize as lanternas e jogar luz para visualizar o conteúdo das paredes. As lanternas são pequenas, com um foco de luz delimitado, o que permite iluminar e ler o conteúdo pouco a pouco, trocando de lanterna para poder acessar o todo.

Territórios: Jogar Luz é uma instalação interativa, onde as pessoas andam pela arquitetura construída, que é uma projeção da arquitetura real das cidades e sua realidade social, com suas questões territoriais representadas, mesmo que invisibilizadas, mesmo que postas sobre a escuridão, estão ali postas.

E de forma simbólica, para quem quiser sair da posição de espectador e ter clareza dos fatos, é necessário agir, é necessário “jogar luz” para acessar as pequenas frases que vão sendo lidas uma a uma, para perceber as narrativas contadas, as histórias que sempre estiveram ali sobre o escuro, de escanteio, mas que fazem parte da nossa história enquanto nação e sociedade.

Jogar Luz, usando a luz uv, popularmente conhecida como “luz negra”, é o desejo de sair da escuridão, de enxergar e não apenas ver, uma vontade de avanço, mas será que existe solução sem o entendimento, reflexão e discussão honesta do problema?

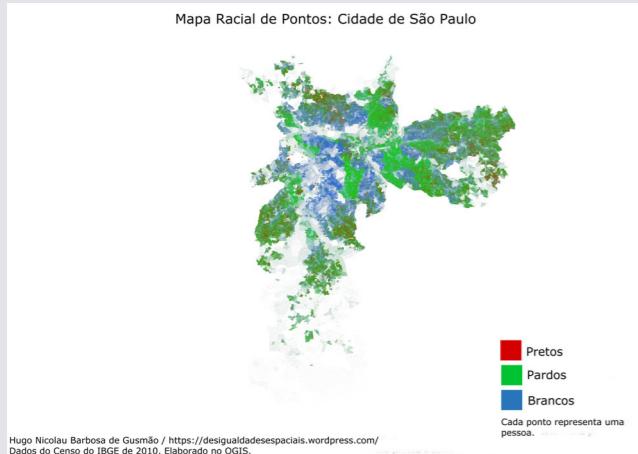


figura 1

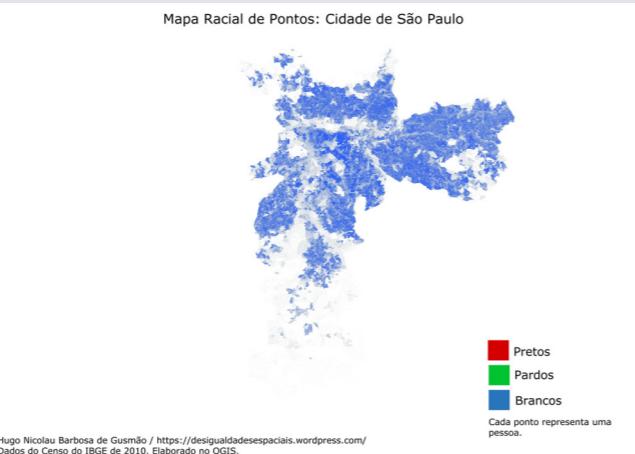


figura 2

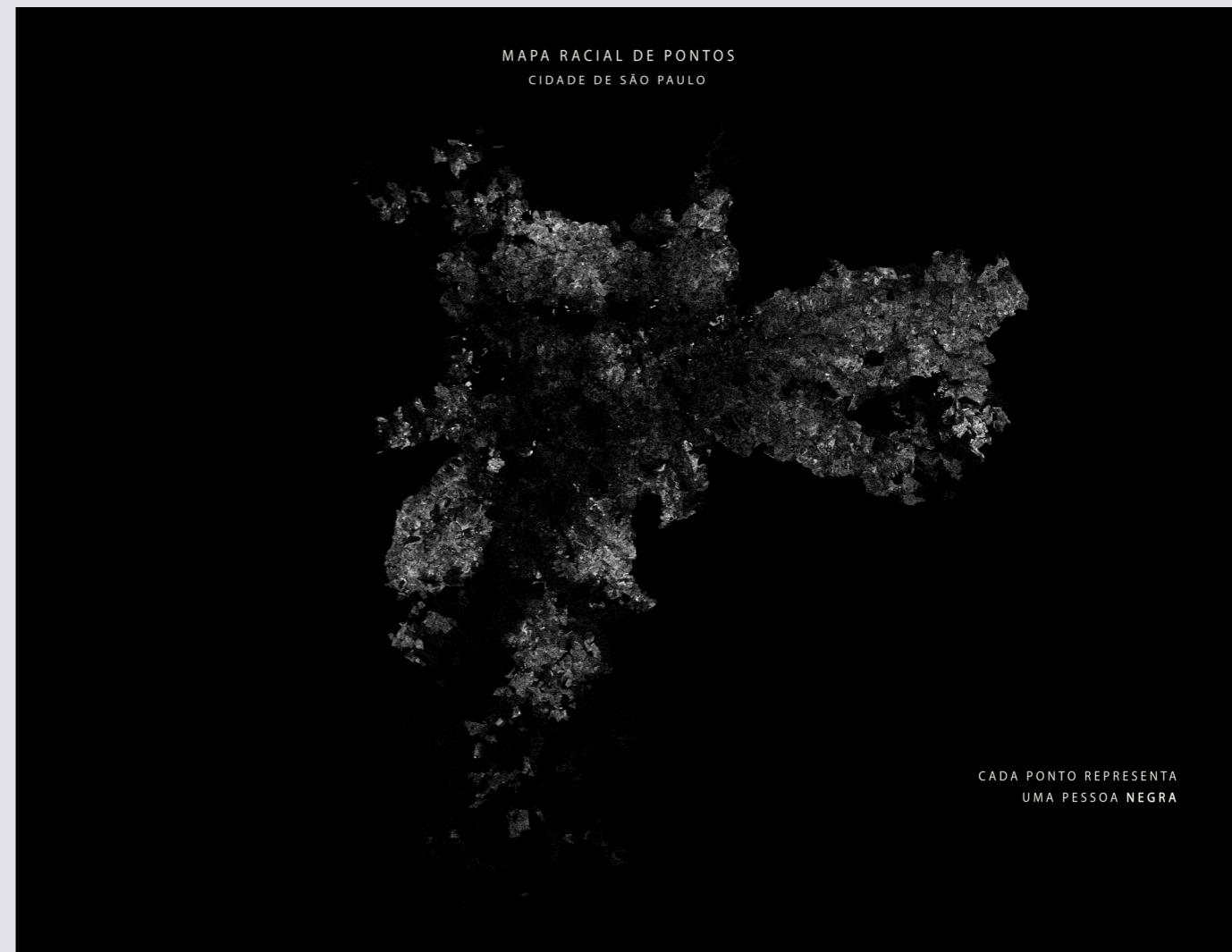


figura 5

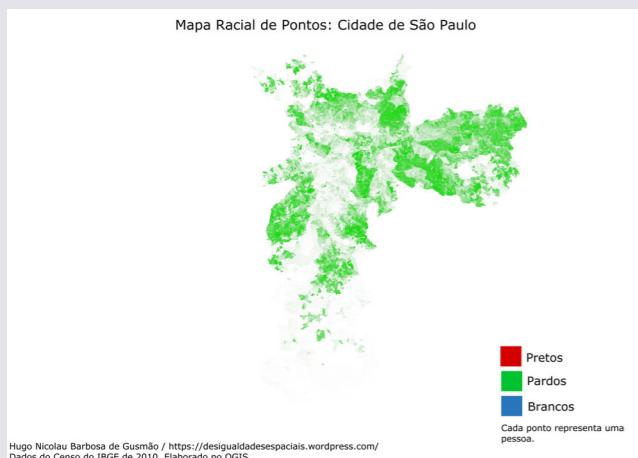


figura 3

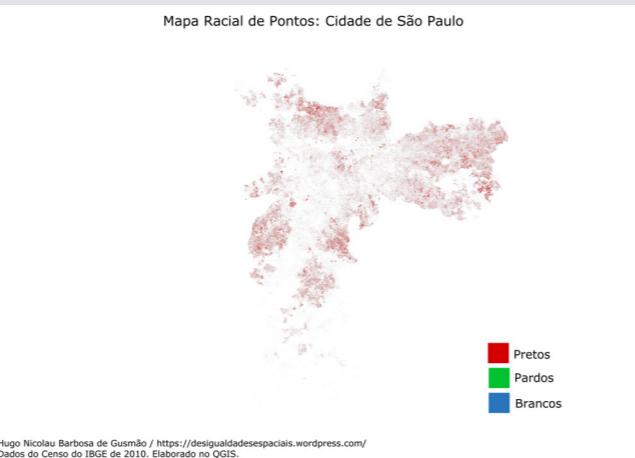


figura 4

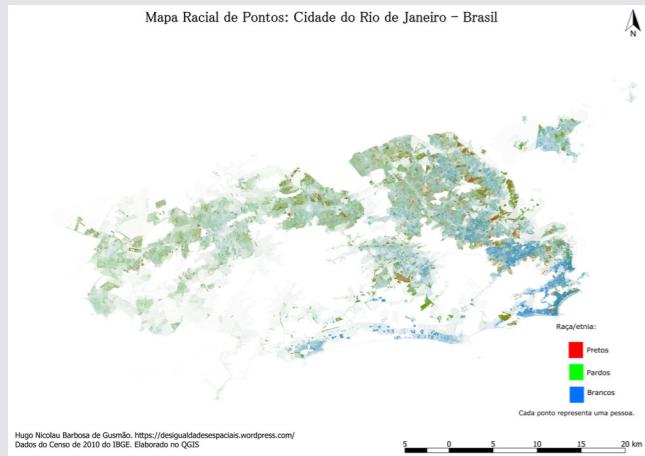


figura 6

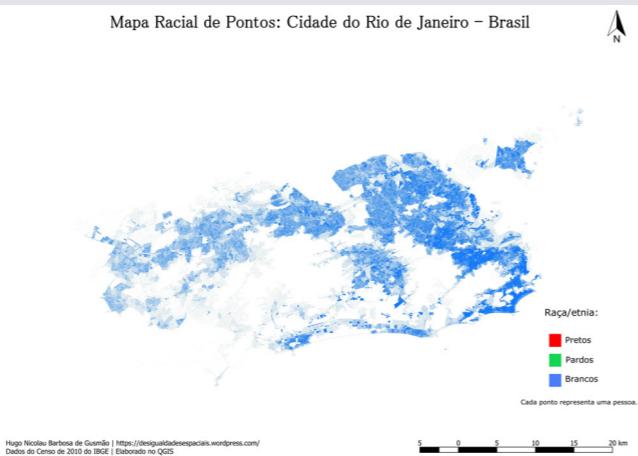


figura 7



figura 10

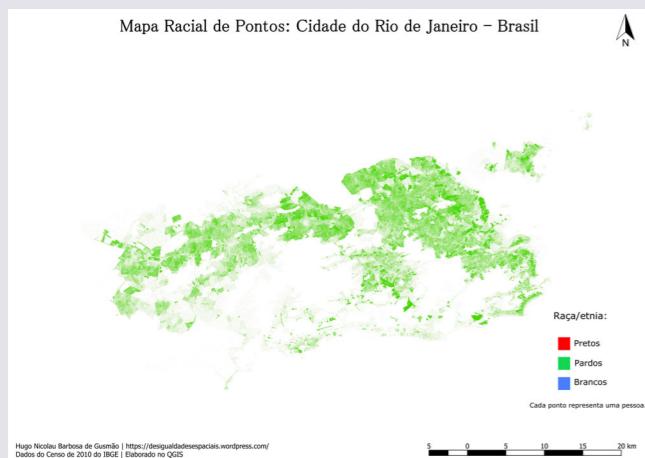


figura 8

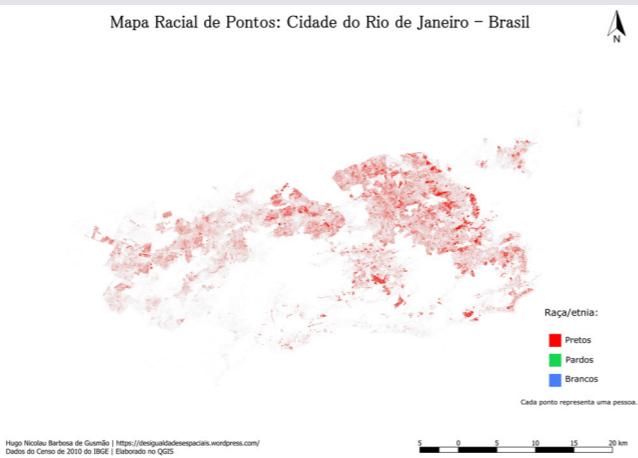


figura 9

Arquitetura da desigualdade

Lélia Gonzalez – Lugar de negro (1982)

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

1. Territorialidade: Segundo Robert Sack (1986) é uma estratégia dos indivíduos ou grupo social para influenciar ou controlar pessoas, recursos, fenômenos e relações, delimitando e efetivando o controle sobre uma área. A territorialidade resulta das relações políticas, econômicas e culturais, e assume diferentes configurações, criando heterogeneidades espacial, paisagística e cultural - é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área e esta área é o território.

2. Racismo estrutural: Silvio Almeida (2019) aponta como uma patologia social (anormalidade). É o racismo enquanto modo de estrutura social, como funcionamento “normal” da vida cotidiana, seja na vida política, na econômica e na subjetividade.

Conceito de desenho de projeções arquitetônicas: Perspectiva é um tipo especial de projeção, na qual são possíveis de se medir três eixos dimensionais em um espaço bidimensional (figura 11).



(figura 11) Desenho de projeção arquitetônica

Na arquitetura, o desenho de projeções arquitetônicas mostram o mesmo objeto de várias perspectivas diferentes, decompõe-se a forma para enxergarmos as partes do objeto e ter maior compreensão do todo.

Então partindo dos conceitos de projeção na arquitetura, o trabalho faz uma metáfora aos desenhos de projeção arquitetônicas, relacionando o mapa racial de pontos da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro as notícias vinculadas na mídia, onde o intuito é decompor a forma, mostrar o mesmo elemento em perspectivas diferentes. A “arquitetura” construída nas paredes como projeção do mapa, do qual se erguem.

Áreas brancas e áreas negras em São Paulo, Rio de Janeiro e no Brasil

De acordo com Joice Berth, em artigo para Carta Capital (2019):

Joice explica como esses casos de chacinas e assassinatos policiais nunca ocorrem em bairros nobres que de acordo a dados oficiais são bairros de populações majoritariamente brancas. As chacinas policiais que contabilizam o chamado genocídio da população negra, tem local específico, são as periferias e áreas favelizadas, ou seja, espaços físicos da violência racial no Brasil.

Mas cabe ressaltar que já havia uma segregação racial do espaço nas cidades coloniais, que posteriormente foram urbanizadas, no sentido estrito da palavra, e que, encontrou na favela, seu lugar ideal para assentar a prática institucional de violentar a negritude brasileira também nos espaços físicos, negando a influência arquitetônica africana e expulsando a população negra da cidade formal.

O que fica claro é que há uma ordenação institucional onde o racismo se subdivide em ações práticas para eliminação da população negra e, isso é um processo histórico comprovado pelas legislações que se seguiram desde o período colonial até os dias de hoje.⁶

Para Joice, enquanto se tem essa segregação racial física e simbólica, sendo as periferias e áreas favelizadas, carregadas de estereotipagem e estigmas no imaginário popular, as atrelando como o lugar do tráfico de drogas, da violência, do crime e da periculosidade.

Estes espaços físicos nas cidades, se materializam como o lugar da subalternidade, dentro de uma construção racista e nociva da subjetividade da população negra. Sendo mais tarde esta construção usada para justificar e dar aval a morte arbitrária, enfatizada e propagada pela própria mídia e

pelas instituições. Essa segregação das cidades cria uma condição de hierarquia social que aponta quem pode ou não morrer.

O racismo delimitou não apenas os espaços sociais, mas também os espaços físicos desenhando as cidades de maneira excludente e segregacionista, reforçando a supremacia branca como forma de poder predatório.

Nos EUA durante as políticas racistas do New Deal, foi cunhado um termo para descrever essa demarcação estratégica de áreas, obedecendo ao critério racial e de classe, para limitar o acesso a empréstimos financeiros de cunho imobiliário, os mapas de redline.

Os chamados mapas de redline foram usados nos EUA, porque o governo precisava reconstruir o mercado imobiliário após a Grande Depressão e evitar execuções hipotecárias.

Nesse sentido, coube à agência chamada Home Owners ‘loan Corporation uma pesquisa entre corretores de imóveis e especialistas no mercado imobiliário para dar aos bairros em mais de 200 cidades considerações tendenciosas e pejorativas, tais como “desejáveis”, “declinantes” ou “perigosas”, quantificando o número de pessoas nascidas negras e estrangeiras. Quanto menor a nota, menor seriam as chances de alguém conseguir um empréstimo bancário para comprar uma casa.

No Brasil também há uma redline que é silenciosa, já que passa despercebido a olhos nus, mas quando olhamos um mapa como o da imagem a seguir, se torna ensurdecedor (figura 6).

Nossa redline demarca tal qual uma parede de vidro, as áreas pretas, onde é permitido matar, violentar, invadir e executar ações completamente arbitrárias, como disparar 80 ou 11 tiros⁷ de fuzis e áreas brancas (bairros nobres).⁶

As periferias e áreas favelizadas são compostas em sua maioria por pessoas negras, isso devido a todo um processo histórico de isolamento desta população nestas áreas, desde o pós abolição, seguido por leis para impedir a aquisição de terras, a autonomia e mobilização social desta parte da população, além de todo uma história de racismo estrutural e institucional, que contribuiu até chegarmos neste cenário de distribuição da população de forma segregada e desigual.

Quando se compara estas regiões “negras” e área nobres os contrastes são inegáveis, e podem ser observados nos mapas de pontos raciais e dados oficiais, como as diferenças entre expectativa de vida, renda, acesso a serviços como transporte, infraestrutura, qualidade de vida, índice de violência policial, etc.⁸

Quando vemos notícias como a caso do massacre de Paraisópolis, dos 101 tiros contra jovens negros desarmados,⁹ percebemos que esta parcela da população além de isolados em regiões que oferecem menor qualidade de vida e infraestrutura, também sofrem com a desumanização. É como se o local onde ocorreu uma chacina, uma violência injustificável contra civis, fosse amenizada ou melhor aceita de acordo com a “quem e onde” foram estes civis vitimados.

Se somando a este fato tem a marginalização dos habitantes, nestas áreas menos privilegiadas, “qualquer um” pode ser suspeito ou confundido com um criminoso, ou ter um objeto simples como um guarda-chuva,¹⁰ confundidos com uma arma letal, levando a mais mortes para serem contabilizadas para o genocídio negro.

Enquanto isso nas áreas nobres, existe uma coibição da presença negra, que vão desde olhares, desdém, hostilizações, até a expulsão física por seguranças, policiais sobre alegações inconsistentes que não escondem o caráter racista de suas ações, já muito bem enraizado na cultura e imaginário da população brasileira, já naturalizado no nosso cotidiano.

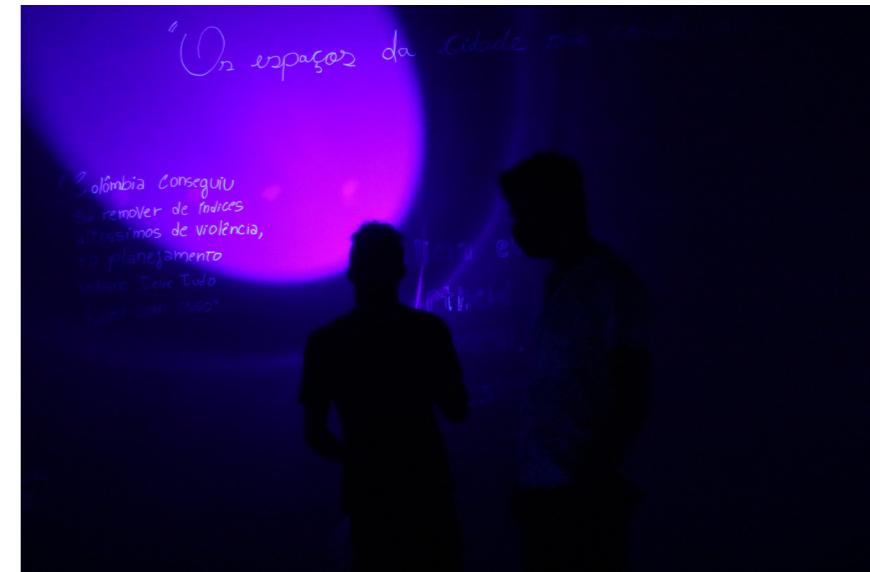
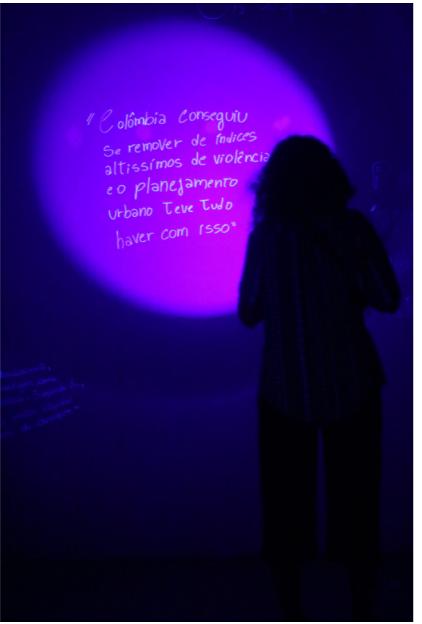
Urbanismo inclusivo não basta; é necessário pensar caminhos que quebrem a lógica racial que esta delimitada fisicamente na construção e divisão das cidades.⁷

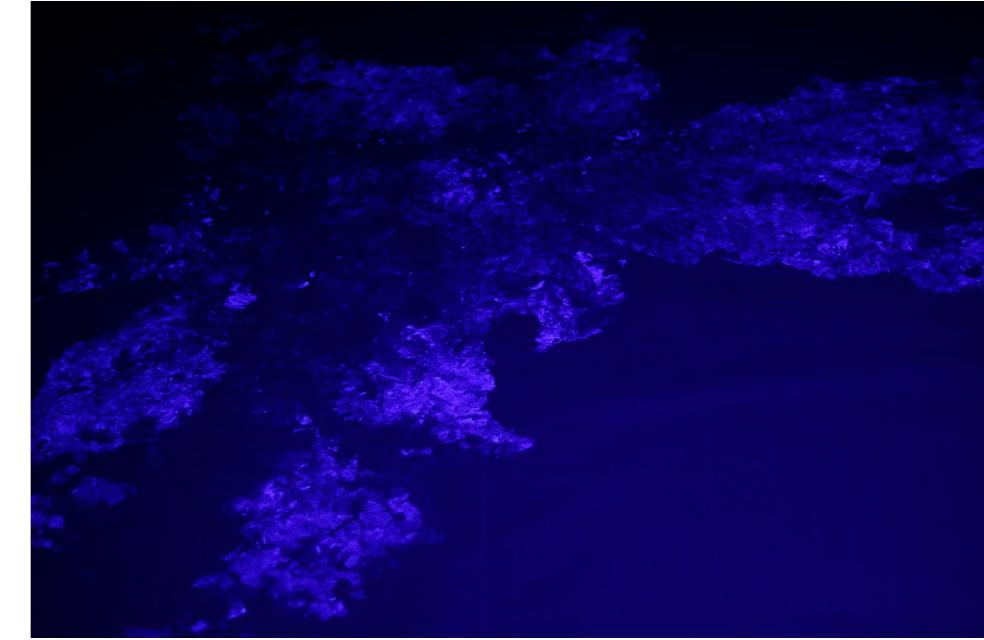
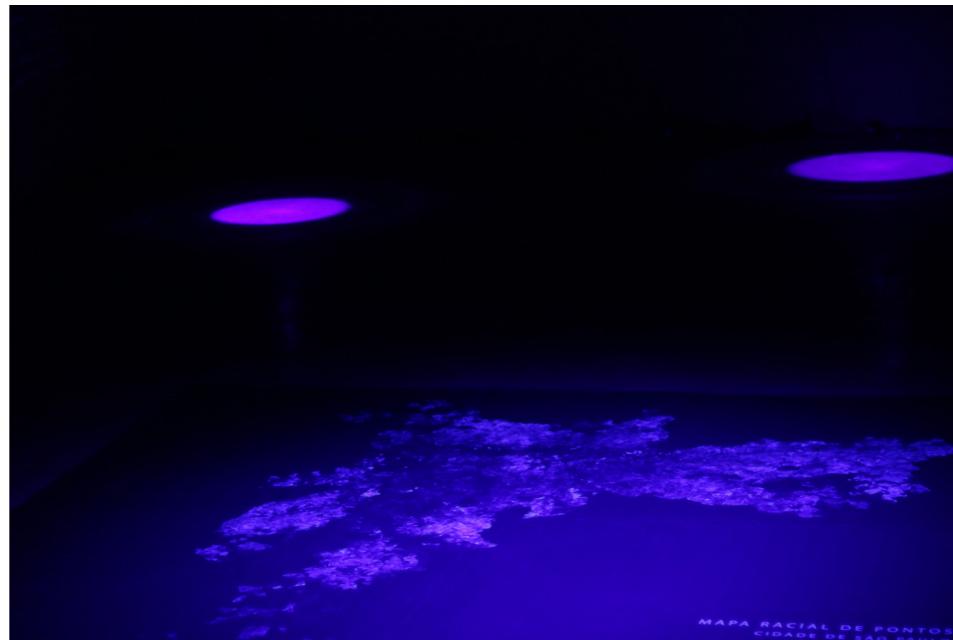
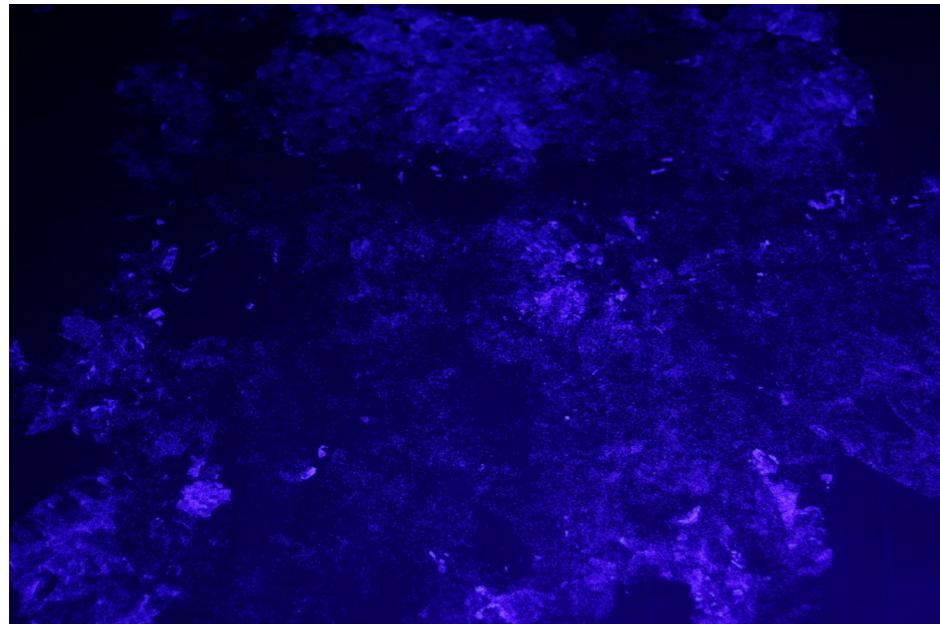
Joice argumenta, como estes espaços negros materializam uma permissividade para que o racismo aconteça, dentro de uma lógica de hierarquia racial histórica, validando o descaso, apoiados pela propagação de estigmas, estereótipos, violência física e simbólica contra seus moradores.

As periferias e áreas favelizadas são componentes importantes para a perpetuação do racismo e genocídio negro, por serem territórios da desumanização e descaso de sua população.



m territorialidade
apartheid"





ABORDAGEM NOS JARDINS
TEM DE SER DIFERENTE
DA PERIFÉRIA, DIZ
NOVO COMANDANTE
DA ROTA

"É muito fácil plantar
um conflito dentro de
uma racinha"

DA PONTE PRA CÁ

A QUILOMBAMENTO

Nas periferias de SP
população mais negra
menor expectativa

SEGURANÇA
PÚBLICA

LAROYÊ EXU



Notas

1 LUCINDA, Elisa. Diálogos Ausentes. YouTube, 30 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/w5UBFd0wZ94>> Acesso em: 01 de maio de 2022.

2 Em referência: JACOB, Janes. Morte e vida nas grandes cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

3 e 4 BERTH, Joice. Onde estão xs negrxs? YouTube, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Klc4jFXzOWw>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

5 GUSMÃO, Hugo Nicolau Barbosa de. Mapa racial de pontos. Desigualdades Espaciais, São Paulo, ano 2016, junho. Disponível em: <<https://desigualdadesespaciais.wordpress.com/>> Acesso em: 02/03/22.

6 BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. Carta Capital, São Paulo, ano 2019, abril. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>>. Acesso em: 02/12/22.

7 Em referência a dois crimes ocorridos no bairro de Guadalupe, na região de Pavuna, Costa Barros e outras áreas do subúrbios (periferia) do Rio de Janeiro. Em ambos casos citados, pessoas negras foram assassinadas de forma completamente violenta pela polícia, sem justificativa.

8 Alguns destes dados são encontrados no site do item 5

9 Em referência a dois crimes ocorridos em São Paulo e Rio de Janeiro, ambos os casos pessoas negras foram assassinadas pela polícia, de forma truculenta.

10 Referência a um caso, onde um homem negro, morador da favela Chapéu Mangueira no Rio de Janeiro, foi morto pela polícia, ao confundirem o guarda-chuva que carregava com um fuzil.

Notas 2 - referências das frases usadas no trabalho

Baile de Favela, Mc João, música

José Carlos Limeira, Atabaques, poema, 1979

Grupo Ofá, Oluwa Mi Orixa Oxagayan, música

Referências Bibliográficas

- SACK, David Robert. *Human Territoriality: Its Theory and History.* (Cambridge Studies in Historical Geography, Series Number 7). Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural.* São Paulo: Editora Polem Livros, 2019.
- BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. *Carta Capital*, São Paulo, ano 2019, abril. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>>. Acesso em: 02/12/22.
- BERTH, Joice. Onde estão xs negrxs? YouTube, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Klc4jFXzOWw>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.
- GONZALEZ, Lélia. *Lugar de Negro.* Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.
- GUSMÃO, Hugo Nicolau Barbosa de. Mapa racial de pontos da Cidade de São Paulo. Desigualdades Espaciais, São Paulo, ano 2016, junho. Disponível em: <<https://desigualdadesespaciais.wordpress.com/>> Acesso em: 02/03/22.
- JACOB, Janes. *Morte e vida nas grandes cidades.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LUCINDA, Elisa. Diálogos Ausentes. YouTube, 30 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/w5UBFd0wZ94>> Acesso em: 01 de maio de 2022.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro brasileiro: processo de um racismo Mascarado.* São Paulo: editora Perspectiva, 2016.
- PAULINO, Rosana. *Imagens de sombras.* Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo, ECA / USP. São Paulo: 2011.
- SMALL, Deborah. “A guerra às drogas facilita a criminalização de pobres e negros”. Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra, São Paulo, ano 2016, julho. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/deborah-small-guerra-as-drogas-facilita-criminalizacao-de-pobres-e-negros/>> Acesso em: 05/09/22.

